BOLETIM
BATALHAR
Lutas sociais & Reflexões
nº 126 - setembro de 2026

Eleições Brasil 2026: vitória garantida do capitalismo

Para quem ainda enxerga a estrutura política estatal como uma arena válida de resistência dos explorados, a reeleição de Lula como a opção "menos pior" parece uma necessidade óbvia, que teoricamente adiaria por mais quatro anos um cenário de retrocesso mais intenso. Seu oponente faz parte do mesmo grupo político que tentou um golpe de Estado em janeiro de 2023, possui ligações pessoais com milicianos, narcotraficantes, assassinos de aluguel, fraudadores do INSS e gângsteres do mercado financeiro, além de ter um projeto colonial em comum com o maníaco sexual que ocupa a presidência dos EUA. E a atuação política do proletariado pode acabar se resumindo a ficar dividido entre esses dois candidatos que o capital preparou.

Como chegamos a isso?

Nos últimos quarenta anos o proletariado brasileiro passou por algumas ondas de renovação de sua fé no Estado, ocasiões em que a classe se permitiu nutrir expectativas de melhoras profundas em suas condições de vida. Podemos citar como exemplo a Constituição de 1988, as eleições de 1989, o plano real de 1994 e a eleição de Lula em 2002. Em 2013, uma expressão generalizada de desencanto tomou as ruas com pautas sem conteúdo proletário. Desde então, já estamos na terceira eleição presidencial marcada por uma polarização turbulenta, que desvia cada vez mais nossa classe de sua tarefa histórica.

De um lado a socialdemocracia com suas reformas tímidas e lentas, gradualmente esgotando a paciência de quem vive no quinto país mais desigual do mundo e tentando impedir que os explorados percam a fé nas instituições democráticas. De outro, uma extrema-direita potencializando o sentimento de insatisfação popular com esse estado de coisas e produzindo conflitos profundos no interior do proletariado. Constantemente gerando instabilidade nas instituições democráticas e propagando discursos contrários a garantias individuais, essa direita sonha em gerir o capitalismo de forma mais autoritária e truculenta.

Ambos partem do fato de que o proletariado saiu da cena política enquanto classe, e quando se manifesta politicamente é sempre de forma fragmentada, vestindo rótulos policlassistas como "patriotas", "cristãos", "LGBT", "negros", "mulheres", etc. Prova dessa completa desarticulação é a pauta do fim da escala 6x1, que surgiu como proposta legislativa no Congresso e tem tramitado sem nenhuma mobilização expressiva entre os trabalhadores, ou seja, mesmo quando o Capital permite que essa reforma seja pautada no legislativo a classe não consegue se mobilizar minimamente para garantir sua aprovação.

Contexto global

Durante as ondas de lutas proletárias do século XX, os capitalistas do mundo todo tiveram que se desdobrar para manter esse sistema de pé, alternando concessões e massacres em doses calculadas, com o planeta dividido entre capitalismo de mercado e capitalismo de Estado, ambos em constante disputa por hegemonia global.

A partir da década de 1990, os EUA se consolidam como a potência hegemônica, sem mais temer possíveis revoluções alinhadas ao bloco soviético, já inexistente. Ainda surgiam revoltas com conteúdo de classe de forma pontual e o modelo democrático ocidental era fundamental para desmobilizá-las sem perda expressiva de legitimidade. Essa foi a grande tarefa dos partidos da esquerda do capital nas duas ou três décadas seguintes.

Nos últimos quinze anos, aproximadamente, a hegemonia econômica e militar dos EUA, e por tabela a da Europa, tem se fragilizado. Em paralelo, a China está em franca ascensão em ambos os aspectos e a Rússia, ao menos no âmbito militar, também exerce protagonismo regional. Nem China nem Rússia seguiram o modelo democrático ocidental para atingirem tais níveis de influência geopolítica.

Sob o ponto de vista capitalista, em um cenário em que não há qualquer ofensiva proletária no horizonte e os conflitos imperialistas se alastram em direção a uma terceira guerra mundial, não parece haver nenhuma utilidade em preservar as democracias ainda existentes. Ao contrário, tudo parece indicar que preocupações com alternância periódica de partidos no poder e respeito a liberdades individuais vêm se transformando em obstáculos para as burguesias nacionais. Foi-se o tempo em que países de capitalismo avançado eram automaticamente associados a democracias sólidas.

> O fascismo nunca chegou a tomar o Estado para derrotar o proletariado, tanto que só o fez logo depois que o proletariado já havia sido liquidado, desarmado, integrado, anulado e domesticado pelos que aspiravam gerir o Estado à esquerda do capital: Alemanha, Itália, Espanha, Chile são testemunhas disso. **Editorial Pensamiento y Batalla**

"O antifascismo sempre terminará por incrementar o totalitarismo; sua luta em favor de um Estado "democrático" acabará fortalecendo "o Estado". **Gilles Dauvé**

O capitalismo é uma serpente trocando de pele. O apoio popular a partidos neofascistas é uma realidade consolidada no ocidente. Na América do Sul, a socialdemocracia só está no comando do Brasil e do Uruguai, por enquanto. Caso Lula seja reeleito, a Casa Branca tem dado fortes indicativos, por meios oficiais, de que não aceitará o resultado automaticamente.

O caos fabricado para uma nova ordem

Depois de 2013, quando ficou provado que o PT já não tinha mais o controle das ruas, o maior partido da esquerda do capital do Brasil sofreu duros ataques, como o impeachment de Dilma em 2016, a prisão de Lula em 2018 e a tentativa de golpe de Estado em janeiro de 2023. Recente relatório da Agência Brasileira de Inteligência revela forte articulação de grupos de extrema-direita na internet tentando organizar protestos violentos contra o STF. Ainda, jornalistas que investigam mais a fundo grupos dessa natureza preveem que no caso de vitória de Lula poderia haver focos de revoltas fabricadas nas principais cidades do país, ao estilo das arruaças fascistas, para criar um clima de ingovernabilidade. Como consequência, seria instaurado um governo "provisório" para gerir a crise e romper com o atual modelo de democracia.

Os partidos de direita e extrema-direita já são maioria no Congresso Nacional e nos governos dos estados, seu discurso é quase unânime nas forças armadas, nas polícias militares e nas congregações evangélicas. O capital financeiro e o agronegócio, declaradamente são contrários a Lula. Ainda, com a recente desmoralização do STF, pelo envolvimento de ministros no maior escândalo financeiro da história recente do país, haveria um clima propício para uma insubordinação no sentido de suas decisões não serem cumpridas. Some-se a isso um provável apoio dos EUA, que recentemente invadiu a Venezuela e sequestrou seu presidente para se apropriar da maior reserva de petróleo do mundo, sem enfrentar nenhuma retaliação em nível internacional. É claro que o Brasil é muito mais relevante no cenário geopolítico atual, mas nem Trump nem a burguesia daqui ficariam constrangidos em entrar pra história como golpistas ou antidemocráticos.

E os comunistas?

Diante de tudo isso, ainda há alguns comunistas se candidatando ao parlamento, prometendo denunciar as mazelas do capitalismo, tentar frear as reformas burguesas e ajudar a construir um Brasil mais soberano e com melhores condições de vida aos trabalhadores. Em nossa opinião, não é preciso ganhar um salário de 34 mil ou de 46 mil como deputado estadual ou federal para criticar o capitalismo. Além disso, se representassem um perigo real ao sistema, seriam impedidos de se candidatar. No fim das contas, a sensação que fica para os eleitores é a de que, se até aqueles comunistas mais ferrenhos do youtube estão querendo um gabinete no Congresso Nacional, o comunismo não parece um projeto possível.

A Primeira Guerra Mundial já demonstrou que a confusão entre interesses proletários e interesses nacionais é uma tragédia para nossa classe. Em uma realidade em que o proletariado não tem um projeto comunista no horizonte, uma atuação no parlamento tende a gerar mais apatia e reforçar a crença nessa instituição burguesa. Depois, não cumpridas as promessas, vem o ressentimento em relação à esquerda e ao "comunismo", e o fascismo ganha novos militantes.

Não ignoramos que o resultado das eleições podem piorar as condições de vida, mas em toda eleição essa esquerda trata com urgência as mobilizações por voto no PT, chamando de "voto crítico", e passa os quatro anos seguintes sem apresentar qualquer projeto concreto de superação do capitalismo. O momento de ser radical parece nunca chegar, até porque a revolução que desejam só servirá para colocá-los no poder do Estado gerindo a exploração dos proletários, como na URSS ou na China.

No atual contexto mundial, a tarefa primordial dos comunistas é se reconectar organicamente com o proletariado. Fomentar lutas para resolver problemas materiais, por menores que pareçam, nos locais de trabalho, moradia e estudo. É fundamental que essas lutas ocorram de forma autônoma e sem hierarquias, delegando tarefas para representantes escolhidos em assembleias e que podem ser destituídos a qualquer tempo. Os alvos das lutas podem ser aumento salarial, melhorias nos bairros, etc. Lutas com resultados concretos, capazes de mostrar a necessidade de estar organizado.

Em tempos de redes digitais e eleições influenciadas por algoritmos, as pessoas não mudam de opinião apenas diante de bons argumentos. A pandemia de COVID-19 também mostrou que nem mesmo choques de realidade são suficientes para mudar as crenças mais absurdas. As pessoas só parecem mudar quando as coletividades nas quais estão inseridas permitem uma mudança. Não à toa, a extrema-direita aposta suas fichas nas religiões e no poder familiar.

Assim, os comunistas precisam ajudar a criar novas sociabilidades pautadas em interesses de classe. Gradativamente essas estruturas devem se integrar até o nível internacional, criando as instituições que vão gestar um mundo comunista. Dessa forma enfrentamos o capital e esmagamos o fascismo, independente das urnas. ♟

Contato:
contato@boletimbatalhar.com